

Lição 8: Por que, na geração e corrupção mútuas, às vezes ocorre geração absoluta e corrupção qualificada, e vice-versa.

58. Tendo resolvido a questão que ele havia introduzido sobre a continuidade da geração, ele [o Filósofo] procede aqui para resolver a questão principalmente pretendida. Sobre isso, ele faz duas coisas: Primeiro, ele levanta a questão; Segundo, ele a resolve, no ponto 59.

Ele diz, portanto, primeiro [58] que devemos investigar mais uma vez por que algumas coisas são ditas geradas e corrompidas absoluta e outras não, de acordo com o que foi dito na determinação da questão anterior, a saber, que a geração disto é a corrupção daquilo, e a corrupção disto é a geração de algo mais. Pois isso parece exigir alguma explicação, pois, pelo fato de as coisas serem mutuamente geradas e corrompidas, pareceria haver a mesma razão explicando a geração e corrupção absolutas de uma e de outra. Pois dizemos nas coisas que não são geradas uma da outra que algo é corrompido absolutamente e não meramente "isto", ou seja, no sentido qualificado e não absoluto. Por exemplo, dizemos que alguém que está aprendendo está de fato se tornando um conhecedor, e isto é tornar-se num sentido qualificado; contudo, ele não se torna absolutamente, porque ele existia absolutamente antes de ser um conhecedor. Consequentemente, deve-se prestar atenção a ambos: a saber, por que, no caso de coisas sendo geradas umas das outras, algumas são ditas casos de geração absoluta e outras de geração em sentido qualificado; e por que essa distinção também prevalece em coisas que não são geradas umas das outras.

59. Então [59] ele responde a esta questão. Primeiro, nos casos em que as coisas são geradas umas das outras; Segundo, nos casos em que as coisas não são assim geradas (Liç. 9).

Sobre o primeiro ele faz duas coisas: Primeiro ele responde à questão; Segundo, ele resume, no ponto 66.

Com relação ao primeiro, ele propõe três maneiras segundo as quais, nas coisas que são geradas umas das outras, acontece que há geração e corrupção de uma absolutamente e da outra em

sentido qualificado.

Quanto à primeira maneira [59] ele diz que, como foi determinado muitas vezes, algumas coisas que são descritas afirmativamente significam um "isto algo", ou seja, um certo ser, enquanto algumas significam não-ser. E isso explica a presente questão, a saber, por que algumas coisas são ditas geradas e corrompidas absoluta e outras em sentido qualificado. Pois nesta matéria a diferença depende daquilo para o qual uma coisa é mudada através da geração e corrupção. Por exemplo, se seguíssemos a opinião de Parmênides e disséssemos que o fogo é ser e a terra não-ser, então uma mudança direcionada ao fogo (por exemplo, se da terra o fogo é gerado) será chamada geração absolutamente (porque é direcionada ao ser) mas não corrupção no sentido estrito, mas antes corrupção "disso", ou seja, da terra, que é um não-ser. Inversamente, a geração da terra será "uma certa" geração, mas não geração absoluta, porque é a geração do não-ser; mas será corrupção absoluta, porque é a corrupção do ser, a saber, do fogo. Assim, de fato, Parmênides postulou dois princípios das coisas, a saber, ser e não-ser, chamando o fogo de "ser" e a terra de "não-ser". Talvez uma razão fosse que entre os outros elementos o fogo possui mais forma e a terra menos.

Este exemplo, no entanto, não está de acordo com a opinião de Aristóteles, que considerou ambos como sendo ser — portanto, ele acrescenta que não faz diferença para a proposição se alguém supõe tais exemplos ou outros. Pois estamos preocupados, quando introduzimos exemplos, com o modo e não com o sujeito, ou seja, sem nos preocupar se é realmente o caso nestes termos, ou em quaisquer outros. Por esta razão, nos livros de Lógica também, ele usa exemplos de acordo com as opiniões de outros filósofos, mas eles não devem ser introduzidos como se fossem as palavras de Aristóteles. Portanto, do que foi dito antes, isto deve ser recolhido: que a corrupção absoluta é aquela que tende ao não-ser absolutamente, e a geração absoluta aquela que tende ao ser absolutamente. Portanto, considere-se como determinado o que foi dito sobre geração e corrupção absolutas ou qualificadas, seja no fogo e na terra, ou em quaisquer outros termos, desde que estejam relacionados de modo que um seja ser e o outro não-ser, como se disséssemos "vivo" e "morto", ou qualquer outra coisa do tipo.

Ele conclui, portanto, que há uma maneira pela qual a geração e corrupção absolutas diferem das não absolutas.

60. Mas parece que esta não é uma diferença adequada. Pois o caminho para o não-ser absoluto, que ele diz ser a corrupção absoluta, não pode ser entendido como levando ao que é absolutamente nada — já que toda corrupção natural ocorre por algo ser resolvido em alguma matéria certa. Da mesma forma, o não-ser absoluto não pode ser entendido como privação pura sem forma — já que a matéria nunca é despojada de toda forma, de modo a estar apenas sob privação. Portanto, o não-ser para o qual a corrupção simples tende deve ser entendido como uma privação unida a alguma forma. Ora, a privação está unida a toda forma natural nas coisas que podem ser geradas e corrompidas. Consequentemente, naquelas coisas que são mutuamente geradas e corrompidas, uma coisa não será dita mais gerada ou corrompida absolutamente do que outra.

Portanto, deve-se dizer que o não-ser absoluto é aqui entendido como significando matéria com a privação unida a alguma forma. A forma, no entanto, é de dois tipos: uma é perfeita e completa a

espécie de uma coisa natural, como no caso da forma do fogo ou da água ou do homem ou da planta; a outra é uma forma incompleta que nem aperfeiçoa qualquer espécie natural nem é o fim da intenção da natureza, mas é algo no caminho da geração e corrupção. Pois é evidente na geração de compostos, por exemplo, de um animal, que entre o princípio da geração, que é a semente, e a forma última do animal completo, há muitas gerações intermediárias (como Avicena diz em sua Suficiência [= ash-Shifâ', Cura]) que têm de ser terminadas a certas formas, nenhuma das quais torna o ser completo em espécie, mas antes um ser incompleto que é o caminho para uma certa espécie.

Da mesma forma, do lado da corrupção existem muitas formas intermediárias que são incompletas: pois o corpo de um animal, assim que a alma é separada, não se resolve imediatamente nos elementos; antes, isso ocorre por meio de muitas corrupções intermediárias nas quais muitas formas imperfeitas se sucedem na matéria, como a forma de um corpo morto, depois a forma de um corpo putrefato, e assim por diante. Quando, portanto, através da corrupção se atinge uma privação que está unida a tal forma na matéria, há corrupção absoluta no sentido estrito; quando, a partir da privação à qual está ligada uma forma imperfeita que era o caminho para a geração, se chega à forma completa, há geração absoluta.

61. Em seguida, [60] ele menciona a segunda maneira e diz que de outro modo haverá uma certa geração que não é absoluta, "não importa qual seja a matéria", isto é, mesmo que aquilo em que há corrupção tenha uma certa natureza, desde que tenha algum defeito. Pois uma coisa cujas diferenças [específicas] significam mais um "isto algo" é mais substância; enquanto uma coisa cujas diferenças [específicas] significam mais uma privação é mais não-ser: por exemplo, "quente" é um certo "predicamento", i.e., algo afirmativo, sem privação, e é uma "espécie", i.e., uma forma, enquanto a frialdade é uma privação. Ora, é por essas diferenças que a terra e o fogo diferem, pois a terra é naturalmente fria, e o fogo naturalmente quente. Portanto, o fogo é mais substância, e a terra se aproxima mais do não-ser.

62. Primeiro, deve-se considerar por que a frialdade é aqui chamada de privação, uma vez que frio e quente são opostos contrariamente, e ambos os contrários são uma certa natureza; caso contrário, não estariam no mesmo gênero, pois privação e não-ser não estão em nenhum gênero. A isso deve-se dizer que, como foi mostrado na Metafísica X, a oposição de privação e posse é a base para a oposição dos contrários. Consequentemente, um contrário é sempre por via de defeito e uma certa privação em relação ao outro. Portanto, a frialdade é chamada de privação, não porque seja uma privação pura, como ser cego ou nu, mas porque é uma qualidade que é defeituosa em relação ao calor. Logo, neste aspecto, a presente maneira difere da primeira — pois a primeira maneira baseava-se na diferença entre ser e não-ser absolutamente, enquanto a presente maneira baseia-se na diferença entre ser perfeito e imperfeito.

Em segundo lugar, é necessário considerar como pode ser dito aqui que a terra e o fogo diferem por essas diferenças, a saber, em termos de frio e quente. Pois isso deve ser entendido de diferenças substanciais — caso contrário, não pertenceriam à geração e corrupção, mas antes à alteração. Ora, os princípios das diferenças substanciais, que são constitutivas das espécies, devem ser formas substanciais, que são específicas. De acordo com isso, portanto, segue-se que o calor e o frio são as formas substanciais do fogo e da terra. Isso é totalmente impossível.

Isso é assim, em primeiro lugar, porque não é possível que a mesma coisa seja em um ente um acidente e em outro uma forma substancial, a menos que se fale por equívoco. Mas quente e frio são acidentes em outros corpos, aos quais são referidos univocamente da mesma forma que aos elementos, a partir da mistura dos quais tais qualidades são encontradas neles [i.e., nos outros corpos, compostos]. Portanto, não é possível que quente e frio nos elementos sejam formas substanciais.

Em segundo lugar, isso é assim porque nenhuma forma substancial é por si perceptível ao sentido; mas apenas ao intelecto, cujo objeto é o "o que algo é", como é dito em Sobre a Alma III. As formas que são por si perceptíveis ao sentido são qualidades do terceiro tipo, chamadas por isso de "passíveis", pois causam paixões nos sentidos, como é dito nas Categorias. Visto que, portanto, o calor do fogo e o frio da terra ou da água são perceptíveis ao sentido, não podem ser formas substanciais.

Deve-se dizer, portanto, que, como se tem na Metafísica VIII, as diferenças substanciais, quando desconhecidas, são manifestadas por diferenças accidentais — consequentemente, usamos frequentemente diferenças accidentais no lugar das substanciais. E é dessa maneira que o Filósofo aqui diz que quente e frio são as diferenças do fogo e da terra. Pois quente e frio, uma vez que são paixões próprias desses corpos, são os efeitos próprios das formas substanciais dos mesmos. Consequentemente, assim como outras causas inteligíveis são conhecidas através de efeitos sensíveis, assim pela perfeição do quente e pela imperfeição do frio julgamos que a forma substancial do fogo é mais perfeita do que a forma substancial da terra. Pois todas as formas substanciais diferem segundo mais e menos perfeitas — daí na Metafísica VIII ser afirmado que as espécies das coisas são como números, cujas espécies variam segundo adição e subtração.

Da mesma forma, poder-se-ia duvidar de sua afirmação de que, no caso da coisa cuja diferença significa em maior grau um "isto algo", tal coisa é substância em maior grau — uma vez que ele diz nas Categorias que a substância não é suscetível de "mais" e "menos". Isso deve ser respondido dizendo que ele não pretende significar aumento e remissão da substância no predicamento da substância, mas uma maior ou menor perfeição na espécie da substância de acordo com a referida diferença de formas.

63. Ele apresenta a terceira maneira [61], a respeito da qual faz três coisas: Primeiro, apresenta o modo segundo o qual alguns explicam a diferença entre geração e corrupção absolutas e no sentido qualificado; Segundo, mostra que eles estão enganados, em 64; Terceiro, compara esta terceira maneira com a segunda, em 66.

Diz, portanto, primeiro [61] que parece a muitos que a geração absoluta e a qualificada diferem mais em termos de serem mais ou menos perceptíveis ao sentido, do que segundo perfeição e imperfeição das diferenças, como foi explicado na segunda maneira. Pois eles dizem que quando algo é mudado em matéria que é fácil de sentir, então algo é gerado absolutamente — por exemplo, quando algo é mudado em terra ou em água; mas quando algo é mudado no que não é manifesto ao sentido, e.g., em ar, chamam isso de corrupção absoluta. E ele introduz a razão deles, que era que eles determinavam algo como sendo e não-ser com base em se é sentido ou não sentido, considerando apenas o que é sentido como sendo. Isso porque, para eles, não há diferença entre sentido e intelecto, como certos estabeleceram, e como é afirmado em Sobre a

Alma III. Consequentemente, eles usam a observação sensível como se tivesse a força da ciência intelectual, que tem de algum modo uma capacidade para todas as coisas. Daí o cognoscível ser ser, e o incognoscível, não-ser.

64. Em seguida [62] ele mostra a falsidade desta opinião. E diz que tais homens, assim como consideravam os animais vivos e existentes, porque realmente sentem ou podem sentir, assim também supunham que as coisas existem porque são sentidas ou podem ser sentidas — como se o sentido fosse a perfeição da coisa sensível, assim como é a perfeição de quem sente. E nisso eles de certo modo perseguiram e destruíram a verdade das coisas. Pois, uma vez que algo é dito verdadeiro pelo fato de que é, então, se o ser das coisas consistisse apenas em ser sentido, não haveria verdade nas coisas, mas apenas em quem as sente. No entanto, não é verdade que nenhuma verdade está nas coisas. Logo, ao remover a verdade das coisas, eles afirmam algo não verdadeiro.

65. Em seguida [63] ele compara esta maneira com a segunda e diz que a geração e corrupção absolutas diferem conforme consideradas "segundo a opinião", o que pertence a esta terceira maneira, e "segundo a verdade", que a segunda maneira toca. Pois o espírito, i.e., vento, e o ar são menos "segundo o sentido", isto é, julgando o ser de uma coisa a partir de seu ser sentido. E, portanto, quaisquer coisas que são corrompidas absolutamente, diz-se, segundo a terceira maneira, que são corrompidas em coisas que não são sentidas, e que são geradas absolutamente quando são mudadas em algo que pode ser tocado e sentido, como quando são mudadas em terra. Mas na realidade ocorre o contrário. Pois o ar é mais um "isto algo" e uma espécie do que a terra, e mais perfeitamente um ser. Portanto, segundo a verdade, há mais uma geração absoluta se do ar a terra é produzida do que inversamente.

66. Em seguida [64] ele resume o que foi dito e diz que a causa foi declarada por que um tipo de geração é absoluta, embora seja a corrupção de algo, e por que um tipo de corrupção é absoluta, embora seja a geração de algo. Pois estas diferem por razão da "matéria", i.e., por razão daquilo em que algo é mudado através da geração ou corrupção: seja porque é "substância", i.e., ser, ou não-ser, como foi explicado na primeira maneira; seja porque isto é "mais" e aquilo "não", porque, a saber, um é ser mais perfeito do que o outro, o que pertence à segunda maneira; seja porque a matéria da qual e na qual algo é mudado é mais sensível ou menos sensível, o que pertence à terceira maneira. Por "matéria" ele entende aqui, não a matéria pura, mas a coisa da qual algo é gerado ou na qual é corrompido.

Revision #2

Created 3 October 2026 21:40:48 by Admin

Updated 3 October 2026 21:48:53 by Admin